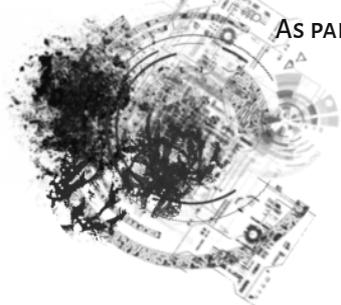




RABISCOLOGIA

# RABISCOLOGIA #8

AS PALAVRAS ESTÃO SEMPRE EM SILÊNCIO.



**RESPIRE FUNDO:**  
ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. QUALQUER  
SEMELHANÇA COM A REALIDADE SERÁ  
MERA COINCIDÊNCIA.

*O MUNDO JAMAIS COMPREENDERÁ A OBLIQUIDADE DOS BÊBADOS  
OU O MERCULHO DOS SUICIDAS*

JOSÉ PAULO PAES



**QUANDO SE ENVIA  
UM POETA À GUERRA**

## UMA COISA SÓ

São duas coisas: excesso de medo —  
ou, talvez — talvez seja uma coisa só.  
De que tenho tanto medo?  
Se não tenho medo da morte  
não preciso ter medo de mais nada.

## UM MUNDO QUE ME HABITA

Querida irmã:

Marília me telefonou às seis da manhã para dar as notícias: meus quadros em Nova Iorque e Paris. As passagens compradas. Vinte e sete novos e-mails hoje cedo de amigos e colegas mandando felicitações.

Há de repente um mundo que me habita sem pedir licença.

Não sou o estereótipo do artista antissocial que os críticos inventaram — você sabe que sou pior: que me faço excêntrico por necessidade de construir uma personalidade,

qualquer uma.

O mundo me transborda: o mundo dos meus sonhos feito realidade;

sons, imagens, convites, telefonemas, aviões.

Meu nome impresso em letras grandes e minha foto com a roupa manchada de tinta na primeira página de um caderno cultural,

e o sucesso — a viagem é com tudo pago e querem me dar um prêmio. Que quer dizer — tudo isso? Foi algo que me escapou do pincel, um traço involuntário como são quase todos os movimentos que faço em frente das telas.

Gritei calado e alguém ouviu.

Às vezes também as cores em meus quadros parecem me engolir. Essa vida que escapa por todo lado nas cores e nas vozes e em minha estante de livros, nos quadros dos colegas e nas galerias, nos ruídos da padaria vizinha de

casa.

As pessoas que se cumprimentam na rua  
aos berros.

O telefone não para de tocar.

Quem são essas pessoas?

Irmã querida:

não sei como responder a tantas as perguntas

telefonemas

solicitações.

Afogo-me em minha vida

esse oceano interminável indiferente e —  
meu deus onde encontro terra firme?



## QUESTÃO DE ÂNGULO

Explico-me (talvez):

por conhecer o tanto que há de tão belo e a poesia e  
compreender o tamanho da intolerância humana

o tamanho da impossibilidade

da falta de comunicação e boa vontade.

Perder a medida das coisas

e não saber transformar mais nada em palavras.

Porque transformar em palavras pudesse ser como  
medir distâncias; transformar o mundo pelas lentes da  
ficção ou dar-lhe outro tipo de significado, reverter  
sentimentos, expor absurdos.

O absurdo que cresceu para além das palavras.

Saber que o normal é ilusão para preservar a inércia,  
o movimento retilíneo uniforme, as pessoas que acordam  
todos os dias às cinco ou seis ou sete da manhã com o  
alarme do celular ou os sinos da igreja e têm calculado o  
horário disponível para o café da manhã e o início do  
dia produtivo.

Meu deus meu deus — como pode o mundo ser tão lindo e  
as pessoas tão lindas tão terríveis tão cegas tão  
obstinadas.

O absurdo, estão vendo?;

é questão de ângulo, de iluminação:

como uma teia de aranha.

E está por todos os lados.

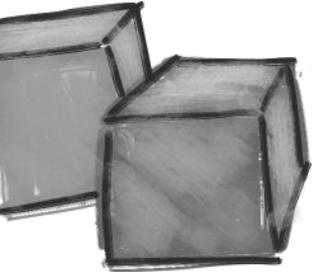
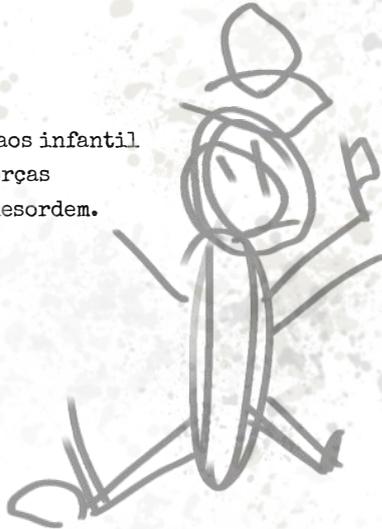
A aranha, as aranhas:

estariam também elas todas cegas?

## QUE NÃO SE MOVAM

Não posso mais gritar por silêncio  
dizer às crianças de seis  
sete  
oito anos  
que fiquem sentadas  
que prestem atenção  
que façam a tarefa  
que não conversem  
que não se levantem  
que não se movam.

Não quero mais transformar esses meninos e meninas em  
seres obedientes  
previsíveis  
imóveis.  
Já não tenho voz.  
Cansei de esperar que o caos infantil  
contra todas as minhas forças  
devore o medo adulto da desordem.



## RESTOS DE CIVILIZAÇÃO

O mesmo cenário urbano pela janela todos os dias.  
Imutável e cinzento como são os cenários urbanos. A  
poeira dos automóveis. A fuligem acumulada nas  
calçadas, na rua; restos de civilização esquecidos entre  
os paralelepípedos: guimbas de cigarro, chiclete e  
embalagens plásticas

coloridas.

O mesmo cenário todos os dias às vezes um pouco mais  
sujo do que no dia anterior. O mesmo sapo atropelado no  
calçamento, cada dia mais cinza, cada dia mais rua, cada  
dia menos sapo.

O urbano como um pintor inexperiente que voraz  
mistura cores até que reste apenas um mesmo marrom  
acinzentado e inexpressivo.

O cenário repetido — o cenário reincidente que por  
um instante se apaga; quando no final do dia as nuvens  
se colorem com a luz rosada do entardecer.

É talvez o mundo que pede uma chance.  
Mas outra vez enfim a mesma moldura,  
as mesmas cores,  
os mesmos ângulos,  
o mesmo cinza.

## UMA PORTA FECHADA

Ele era professor de literatura e morreu de ataque cardíaco: sozinho, alcoólatra, abraçado ao teclado do computador. Foi uma professora que disse, na missa de sétimo dia — tão irônica missa de sétimo dia para um homem ateu — porque houvesse na capela tantas pessoas, tantos alunos e professores e amigos, tanta gente desconsolada cuja vida ele havia transformado: hoje em dias as relações de afeto não se transformam mais em relações de presença.

Ela não gostava dele; sabia o limite de seu conhecimento, ofuscado pela insegurança e o pessimismo que o impediam de se interessar pelas verdadeiras questões — assim ela pensava — da literatura.

Mas ele era professor para adolescentes e àquela altura o mais importante

(o que ela não compreendia)

era abrir uma porta

e deixá-la aberta.

As relações de afeto se diluem no tempo da cidade e de repente um mês, um semestre, dois anos. A presença da literatura? Quando nem mesmo as palavras repetidas nas releituras de Proust eram capazes de lhe dizer coisa alguma. Que tudo soasse como eco do romantismo que ele desprezava: a poesia de Álvares de Azevedo, Goethe e os sofrimentos de um ridículo Werther desconsolado. Palavras — Hamlet emoldurado num quadrinho barroco e pendurado entre os azulejos da cozinha.

Indiferente.

Uma porta fechada.

Que vou dizer?

Que o entendo?

Que compreendo o egoísmo e o desapego e desaparecer sob o álcool e trocar Proust pelas futilidades da internet e inerte observar o próprio ego desfazer-se em pedaços feito esses vidros modernos de carro que polvilham o asfalto depois de uma batida violenta

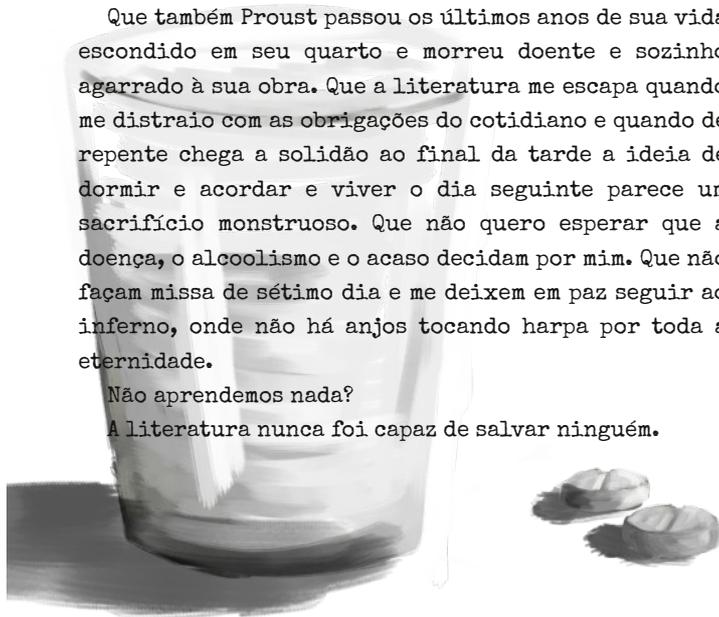
sim?

Que talvez a literatura fosse também um refúgio um analgésico.

Que também Proust passou os últimos anos de sua vida escondido em seu quarto e morreu doente e sozinho agarrado à sua obra. Que a literatura me escapa quando me distraio com as obrigações do cotidiano e quando de repente chega a solidão ao final da tarde a ideia de dormir e acordar e viver o dia seguinte parece um sacrifício monstruoso. Que não quero esperar que a doença, o alcoolismo e o acaso decidam por mim. Que não façam missa de sétimo dia e me deixem em paz seguir ao inferno, onde não há anjos tocando harpa por toda a eternidade.

Não aprendemos nada?

A literatura nunca foi capaz de salvar ninguém.



## POR MIGALHAS

Nunca há tempo  
para nada.

É preciso preparar a comida;  
ou trabalhar e pagar outra pessoa que prepare a  
comida.

Ninguém vai dizer que é hora de tomar banho,  
ou de jantar  
ou lembrar que precisa cortar as unhas  
pentear os cabelos  
trocar os lençóis  
lavar a roupa  
lavar a louça  
limpar a casa  
abastecer a geladeira.

Ainda assim é necessário fazer tudo isso  
pelo menos de vez em quando.

E você pode ler os vinte e três hábitos diários das  
pessoas altamente produtivas e bem-sucedidas;  
essas pessoas nunca varrem o chão  
nunca lavam as meias  
nunca esperam na fila do banco para levar ao gerente  
um comprovante de residência atualizado?

Cada dia todos os dias correr contra o tempo  
por migalhas  
três páginas antes de dormir  
uma página pela manhã antes de sair ao trabalho.  
Que diferença faz?

Que diferença fazem  
essas páginas  
gritando por mudança  
pela pausa derradeira:

não mais acordar preparar o café correr ao trabalho  
preparar o almoço e comer limpar a casa lavar a louça  
resolver burocracias organizar papéis responder e-  
mails fazer telefonemas preparar o jantar tomar banho  
escutar o silêncio da solidão noturna misturado aos  
carros que buzina na avenida e uma ambulância que  
passa

apressada;  
não mais.  
Nunca mais.





## TALVEZ NÃO HAJA NADA

Meu caro amigo:

Amanhã pela manhã não estarei aqui.

Este corpo — o que restar dele esvaziado de propósito e interrompidas as funções vitais — não sou eu nunca foi.

Alguém me espera do outro lado? Minha mãe; meu primo mais novo?

Nossa Pauline querida para mostrar um impublicável livro de poemas?

Existe afinal outro lado?

No momento de sua leitura já saberei as respostas às perguntas que atormentaram nossas noites mais boêmias e ridículas.

Ou talvez não —

talvez não haja nada.

Não se preocupe comigo

com minhas razões ou falta de razões;

elas existem, você sabe, e dinheiro é a menor delas.

Cuide de Luciana e da pequena e quando passar o tempo e se aliviar o choque da morte e da ausência, use esta carta melodramática em um de seus contos. Sei que no pós-vida seremos capazes de perdoar todos os plágios.

## UM DESCOMPASSO

Um dia o gato subiu no telhado, como ele subia todos os dias. Saltava à janela e alcançava o muro e o telhado. Não sei como descia. À noite não dormi por me preocupar com o gato que não ia saber descer sozinho;

que ia esquecer como descer

ia se perder pelos telhados dos vizinhos

e não ia encontrar o caminho de volta.

Era só um indício, entende?

Um sintoma.

Como aquela vez em que a água acabou

e era como se a água não fosse voltar nunca.

Ou não saber esperar mais cinco minutos enquanto você termina de escovar os dentes para ir com você ao mercado

porque é como se o mundo fosse desaparecer do lado de fora se a gente perdesse o tempo de sair

e para sempre o mercado fechasse as portas

nunca mais seria possível comprar uma dúzia de ovos.

Sintomas.

Cada instante vem pesado, infinito, impossível. Sinto um descompasso. Uma criança que não sabe a diferença entre ontem e amanhã; incapaz de calcular o tempo para o próximo sábado, para a páscoa, para os presentes de natal.

Escuto você dizer: só existe o agora

e todo o resto é uma ilusão.

Você tem razão.

## NADA DE TRÁGICO

Hoje no início da tarde soou um sino na distância e as crianças pararam de brincar em frente de casa. Ouvi a voz de um dos meninos:

vixe, alguém morreu —  
fazendo prolongar o i na interjeição de genuína surpresa

ou;  
medo?  
Faz alguns minutos e ainda repito em minha memória a fala do menino por esforço de interpretação.

É quando as palavras não bastam. Um menino — oito ou nove anos — e reconhecer o sino da igreja que soa a algumas quadras.

Depois as crianças estavam outra vez brincando: simulando com a boca o som de tiros de metralhadora. Um dos vizinhos ligou a música em volume alto — ouviu também o anúncio do menino? A música — pode chamar isso de música? — por necessidade de preencher o vazio

que súbito junto do ar havia tomado conta dos pulmões. Sequer sou capaz de raciocinar.

O menino  
a constatação  
a morte.

Porque não a esperava?

E nunca se espera a morte? Não seria este o mais trágico dos destinos?:

a morte, inesperada.

Não há nada de trágico na morte esperada;  
os velhos no asilo que sentados aguardam uma senhora de preto com uma prancheta e uma lista de nomes.

Não há nada de trágico nesta decisão.

O vizinho que desligou a música e o silêncio histérico que em seguida se preencheu com as conversas sobre futebol

a reforma na casa de Tião  
os latidos dos cachorros.

Escolher: a tragédia em vida ou;  
tão estúpidas as inteligências que preferem a grandeza da tragédia ao ordinário de uma escolha sensata. A arte nos ensina tudo tão errado. Malditos os românticos. Pudessem ter sido outra a escola a nos estragar — ou nos estragaram todas?

É grande, a vida? Vê: a rua está em silêncio.

Escuto até um ruído distante de motor  
uma betoneira  
uma betoneira nesta cidade?;  
ou o silêncio de quando os gatos caminham nos telhados e movem as telhas  
abrem buracos  
criam goteiras  
inundam casas.

Malditos românticos — a tragédia é o que resta, quem fica, o tempo que segue. A tragédia continua: as mortes inesperadas, todos os dias, sem prancheta e sem lista, fora dos asilos. O sino da igreja anunciando ainda mais

uma tragédia

e o menino que se dá conta naquele instante de que também quando está brincando em plena terça-feira depois do almoço depois de toda a manhã na escola aprendendo tabuada e história do Brasil —

também e principalmente; inesperada.

Eu, não.



## AS PALAVRAS

A necessidade de escrever uma despedida quando me despeço justamente porque me faltam as palavras.



## ESSE SILÊNCIO

Você escuta esse silêncio?

Essa fraqueza nas pernas que é como um grito que vem de dentro silencioso.

O entorno e os ruídos, a gente que conversa e grita e abafa seus próprios silêncios com música ruim e televisão.

Que fácil voltar ao fundo, esse espaço escuro e frio e aconchegante e — há pouco ar é verdade, quem precisa de ar hoje em dia;

que fácil sentir essa tristeza que se agarra feito líquido denso e pegajoso. Quanto tempo debaixo d'água para que ele desapareça por inteiro?

E a literatura?

Está ouvindo?

Este silêncio.

É o legado da literatura.

Em que momento deixei de acreditar nas palavras?

Em que momento deixei de ser criança?

Tornar-se adulto é talvez habitar esse espaço solitário em que as vozes estão todas distantes e confusas. Ver demasiado e sentir-se pequeno por saber que jamais verá o suficiente.

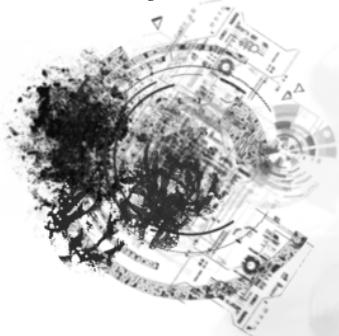
Saber demais com a certeza de que;

entende o que estou dizendo?

Entende que não há outra maneira de dizê-lo?

São as palavras: tudo que eu tenho.

Tudo que pode ainda restar, se restar algo.  
As palavras gritam em silêncio.  
É o que resta.



**RABISCOLOGIA**  
EDIÇÃO #8  
JUNHO DE 2018

TEXTOS, ILUSTRAÇÕES E COLEÇÃO DE  
SUICIDAS IMAGINÁRIOS POR OLIVIA MAIA.

OLIVIAMAIA.NET  
OLIVIA@OLIVIAMAIA.NET

[HTTP://APOIA.SE/RABISCOLOGIA](http://APOIA.SE/RABISCOLOGIA)